

COMPORTAMENTOS URBANOS E ESPORTES: CONTRIBUIÇÕES PARA A ESPORTIVIZAÇÃO DO TURFE E DA PELOTA BASCA EM CURITIBA (1899-1905)

Recebido em: 16/03/2015

Aceito em: 21/09/2015

Marcelo Moraes e Silva
Universidade Federal do Paraná
Curitiba – PR – Brasil

RESUMO: Este estudo tem por objetivo compreender como as novas formas de comportamento, surgidas na transição dos séculos XIX e XX em Curitiba, contribuíram para a consolidação da esportivização das práticas corporais na cidade. Para alcançar tal intento foi utilizado como fontes jornais curitibano do período. O intuito foi o de apresentar a ambiência das duas primeiras práticas esportivas institucionalizadas da cidade: o Turfe e a Pelota Basca. Ao final, conclui-se que os novos hábitos urbanos contribuíram significativamente na maior esportivização do Turfe e da Pelota Basca.

PALAVRAS CHAVE: Esportes. Comportamento. Atividades de Lazer.

URBAN BEHAVIOR AND SPORTS: CONTRIBUTIONS FOR SPORTIVIZATION THE TURF AND BASQUE PELOTA IN CURITIBA (1899-1905)

ABSTRACT: This research aims to understand how new forms of behavior, arising from the transition of the nineteenth and twentieth centuries in Curitiba, contributed to the consolidation of sportivization bodily practices in the city. To achieve the purpose of this work, some of the Curitiba's newspapers from the period were used as sources. The intention was to present the context of two sports that were first institutionalized in the city: the Turf and the Basque Pelota. At the end, it is concluded that the new urban habits significantly contributed most sportivization the Turf and Basque Pelota.

KEYWORDS: Sports. Behavior. Leisure Activities.

Introdução

Forçadas a viver de uma nova maneira em sociedade, as pessoas tornam-se mais sensíveis às pressões das outras. Não bruscamente, mas bem devagar, o código de comportamento torna-se mais rigoroso e aumenta o grau de consideração esperado dos demais. O senso do que fazer e não fazer para não chocar os outros torna-se mais sutil e,

em conjunto com as novas relações de poder, o imperativo social de não ofender os semelhantes torna-se mais estreito, em comparação a fase precedente. [...] O código social só conseguiu consolidar hábitos duradouros numa quantidade limitada de pessoas. Nesse momento, com a transformação estrutural da sociedade, com o novo modelo de relações humanas, ocorre, devagar, uma mudança: aumenta a compulsão de policiar o próprio comportamento. Em conjunto com isto é posto em movimento o modelo de comportamento. (ELIAS, 1998, p. 91-93).

A reflexão realizada por Elias mostra que, a sua teoria do processo civilizador, busca elaborar um modelo de configuração sobre os comportamentos que os indivíduos necessitam seguir. Uma das características básicas da civilização é a produção de certo *habitus*, ou seja, condutas marcadas por todo um autocontrole corporal. Durante o processo, cada corpo apresenta hábitos que lhe dão identidade e criam uma distinção social entre os demais membros da sociedade. Elias (1998) salienta que existe, no processo civilizador, uma tendência cada vez maior de os indivíduos se observarem, fato que aumenta a coação de um sobre o outro. Bourdieu (1983) amplia e desenvolve o conceito levantado inicialmente por Elias, indicando que *habitus* trata-se de um sistema de disposições adquiridas por diversas formas de aprendizagem, um conceito que opera tanto de forma social como individual. O sociólogo francês lembra que os *habitus* acabam por se encarnar nos corpos dos indivíduos de forma bastante durável e, com uma série de disposições permanentes, seria visto como uma propriedade, um capital adquirido que, em muitos casos, eram elementos de distinção social, pois delimitavam as posições que os indivíduos poderiam ocupar no espaço social.

Considera-se muito próxima da definição de comportamentos de Elias (1998) as reflexões de Bourdieu (1983), sobre a teoria dos campos. Ambos os autores acentuam a temática das relações de poder, para a constituição das suas conceituações. Bourdieu lembra que, para o funcionamento de um campo, é preciso indivíduos dotados de

habitus que os identifique e os legitime. Elias (1994), por sua vez, sinaliza para uma mesma direção, indicando que para um bom funcionamento de uma sociedade civilizada, modelos de conduta surgem para constituir aquilo que ele chama de sociedade de indivíduos.

Esse processo de transformação dos comportamentos também se materializou em Curitiba, da virada do século XIX para o XX, afinal, conforme aponta Elias (1998), um novo indivíduo urbano, com hábitos refinados e autocontrolados, era uma exigência do processo civilizador. A população curitibana para estar inserida neste cenário necessitava ter condutas retidas e aptas ao mundo civilizado e urbano. Na “nova” Curitiba, assim como já acontecia na capital do Brasil (LUCENA, 2001), era preciso produzir outras formas de comportamento, que culminariam em novas maneiras da população curitibana se divertir, entre as quais se destacam as de cunho esportivo¹.

O esporte por ser considerado um importante elemento do processo civilizador necessitava chegar a centros urbanos que almejassem um novo *status* enquanto cidade. Afinal, conforme lembram Elias; Dunning (1992) as práticas esportivas já estavam sendo difundidas com grande ênfase na Europa. O que os autores denominam de esportivização seria o processo pelo qual jogos, passatempos e divertimentos populares vão se transformando em práticas institucionalizadas. Ao serem inseridas num quadro institucional as manifestações esportivas passavam a ser cada vez mais regradas, objetivando conter a violência entre os participantes destes encontros. Indo totalmente ao encontro dos comportamentos exigidos para este novo modelo de sociedade. Contudo, as primeiras práticas esportivas presentes em Curitiba ainda não estavam

¹ Os estudos de Ribeiro (1988) e Pereira (1996) indicam que no século XIX a população de Curitiba já estava buscando outras formas de divertimentos consideradas mais civilizadas. Entre estes novos passatempos citadinos estavam, conforme salientam Capraro (2004), Moletta Júnior (2009) e Moraes e Silva (2011), as denominadas práticas esportivas.

totalmente vinculadas ao formato de caráter universalista do Esporte Moderno². A formatação esportiva hodierna resulta de um processo cheio de curvas sinuosas que passa de um simples divertimento desinteressado a um dos fenômenos mais especializados, racionalizados e burocratizados existentes na sociedade contemporânea.

Sendo assim, a problemática central do presente artigo é visualizar como estas novas formas de se viver na cidade contribuíram no processo de esportivização das duas primeiras práticas esportivas institucionalizadas de Curitiba – o Turfe e a Pelota Basca.

Fontes

As fontes constituídas para esta pesquisa são jornalísticas e encontram-se no acervo da Biblioteca Pública do Paraná. A imprensa das primeiras décadas do século XX era muito importante no contexto curitibano, pois era por meio de suas páginas que a população local era colocada em sintonia com os acontecimentos de outras grandes cidades do país e do mundo. Era esse meio de comunicação que divulgava novos modos de vida, criando, assim, uma série de imagens idealizadas e produtoras de corpos adaptáveis a uma metrópole em estágio de florescimento (MORAES E SILVA, 2011).

Um determinado jornal ganhou destaque nas análises, o Diário da Tarde. Tal periódico tornou-se a principal fonte da pesquisa por diferentes razões: a principal, o longo período de sua circulação, o que permitiu uma leitura mais detalhada das notícias relacionadas ao Turfe e a Pelota Basca. Para a construção do artigo foram analisadas todas as edições do referido periódico entre maio de 1899 a fevereiro de 1905. Foram localizadas mais de 400 matérias sobre a temática da pesquisa e selecionadas para a

² Estes aspectos levam posteriormente ao surgimento de certas características que transformaram as práticas esportivas num espaço totalmente administrado. Allen Guttman (1978) levanta sete características básicas do Esporte Moderno: 1) secularização; 2) igualdade de chances; 3) especialização dos papéis; 4) racionalização; 5) burocratização; 6) quantificação; 7) busca do record.

escrita do artigo 24 edições³.

O jornal “Diário da Tarde” teve como fundador Estácio Correia, e seu primeiro número circulou em 18 de março de 1899. Sua redação se localizava na rua XV de Novembro, em pleno coração da capital paranaense. Até 1913, quando o periódico inaugurou suas novas instalações, sua direção passou pelas mãos de vários intelectuais paranaenses, como Bernardo Veiga, Manoel Ferreira da Costa, Celestino Júnior, Arthur Obino e Jayme Ballão. Na galeria de seus redatores chefes figuraram personalidades do mundo das letras paranaenses, como Euclides Bandeira, Ermelino Leão e Leôncio Correia, além das contribuições de Dario Vellozo e Nestor Victor. O jornal era um veículo de comunicação de forte tendência liberal e anticlerical, que buscava cobrar do poder público, condutas coerentes com os postulados liberais, que viabilizariam o progresso da cidade e a modernização da vida. Entretanto, teve a capacidade de exprimir, em suas páginas, colunas, matérias e artigos dos mais variados interesses da sociedade civil. Por estes motivos, era comum encontrar em seu interior assuntos mais amplos da economia e da política, bem como diversos temas cotidianos, como os assuntos esportivos (CAPRARO, 2004).

Outro aspecto que teve importância na eleição do Diário da Tarde como fonte principal da pesquisa foi o fato deste jornal ter tido colunas próprias para o Turfe e para a Pelota Basca. Tal periódico, com circulação diária vespertina, caracterizava-se conforme aponta Capraro (2004) por ser politicamente de situação, embora a política fosse menos importante que assuntos cotidianos, geralmente tratados de modo trivial e descompromissados. O colunismo social, por exemplo, era bastante valorizado. Foi neste espaço que inicialmente foram expostas as notas sobre o esporte.

³ Também foram utilizadas duas fontes de outros jornais circulantes na capital paranaense no referido período histórico.

Prado e Frontão: Em Busca da Distinção

(...) dos primeiros decênios do período republicano, alguns não se contentam em parecer menos com o país do tempo do Império do que com os contemporâneos dos grandes países industriais: pretendem parecer-se mais com os vindouros do que com o simples contemporâneos. As modas europeias e anglo-americanas de traje e de esporte, as inovações pedagógicas, as novidades de técnica administrativa e de estilo literário são adotadas às vezes com exageros grotescos, no Brasil dos fins do século XIX e nos princípios do XX, num como desejo que tivessem os místicos do progresso, então senhores de muitas responsabilidades de direção do nosso País, de se avantajarem aos povos progressistas por ele imitados, em aperfeiçoamento e em arrojo. (FREYRE 1974, p.LXI).

A citação de Gilberto Freyre mostra com riqueza de detalhes o sentimento que se instala no Brasil, na virada do século XIX para o XX. O autor mostra com riqueza de detalhes que ocorreu no país um redirecionamento a favor de um estilo de vida mais próximo ao europeu e a busca por esse estilo de vida passava a exigir dos indivíduos modelos de comportamento mais uniformes e contidos. Foi nessa ambiência que práticas como as esportivas, se tornam presentes nas principais cidades brasileiras.

As primeiras manifestações esportivas, que surgiram em Curitiba, seguiam o mesmo padrão de outras cidades brasileiras. Apesar de os jornais curitibanos noticiarem em suas páginas a presença de outros esportes como o remo, o ciclismo, o tênis, o tiro, o futebol e o pedestrianismo, foram o Turfe e a Pelota Basca⁴, as modalidades que, em um primeiro momento, receberam uma atenção mais detalhada da imprensa curitibana. Foi

⁴ A Pelota Basca se refere a um jogo de origem basca, região localizada no norte da Espanha. Pode ser jogado individualmente ou em duplas, e existem três tipos: a “pelota a mano” (quando jogada com as mãos); “pelota a pala” (quando é utilizada uma pá); e a “cesta a ponta” (quando o praticante amarra no braço uma haste de até 60 cm, que tem em sua extremidade uma espécie de cesta, na qual a bola é apanhada e arremessada). Em todas as modalidades as regras são as mesmas. (BARBAT, 2006). Os jogadores ou duplas têm de atirar a pelota contra um frontão, duas paredes que formam um ângulo de noventa graus - daí o jogo no Brasil, conforme aponta Moraes e Silva (2011) também ter recebido o nome de Frontão - acima de uma linha que varia entre 90 cm e 1m de altura. (BARBAT, 2006). Ao voltar, a pelota só pode tocar no solo uma vez. A contagem vai até 12 pontos. Conforme lembram Melo (2001) e Moraes e Silva (2011), o jogo de pelotas era uma prática esportiva notória por receber apostas durante as partidas – por isso, foram proibidas no Brasil em 1941.

no espaço do “Prado do Guabirotuba” e do “Frontão Curitybano”, que tais práticas foram sendo estabelecidas na capital paranaense. Eram locais ideais para os indivíduos mostrarem toda a sua educação, afinal o esporte, como aponta Sevckenko (1998), já era uma prática tida como um importante artefato de consumo e diversão dos grandes centros urbanos brasileiros⁵.

Lucena (2001) e Melo (2001) lembram que o Turfe foi a primeira prática esportiva do país. Em Curitiba, isso não ocorreu de forma diversa. Muito apreciado no Rio de Janeiro, o Turfe chega a Curitiba com formato semelhante ao da então capital do Brasil. O mesmo aconteceu com a Pelota Basca, entretanto, apesar de se encontrar indícios da presença do jogo basco em diversas cidades brasileiras como Rio de Janeiro, São Paulo, Santos e Curitiba, diferentemente do Turfe, não se encontram estudos históricos sobre o jogo de pelotas⁶.

Tanto o Turfe como a Pelota Basca eram formas de diferenciação e individualização, realizada pela elite social e econômica da cidade. Contudo, embora paradoxal, essa ação diferenciadora – que buscava alcançar distinção social –, era também um instrumento de normalização e uniformização; um difusor de códigos de comportamento para toda a população, indicando quais modelos de condutas corporais os indivíduos deveriam seguir ou não. Entre as interdições e prescrições discursivas, pode-se destacar o antigo hábito de jogar a dinheiro. Era no Prado e no Frontão que as

⁵ Elias (1997) argumenta que um dos principais elementos para a criação de uma “boa sociedade” foi a filiação numa agremiação. A admissão em uma instituição era uma clara expressão de pertencimento a determinado grupo. A filiação determinava com quem o indivíduo podia relacionar-se, sem por em perigo o seu *status*, identificando-o como membro da “boa sociedade”. O autor alemão ainda lembra que a “boa sociedade” é um tipo específico de formação social, constituindo uma série de complexos institucionais, capazes de manter a posição de poder monopolístico de determinados grupos sociais.

⁶ Apesar dos trabalhos de Lucena (2001), Melo (2001), Gonçalves Júnior (2008) e Moletta Júnior (2009) mostrarem indícios historiográficos que o jogo de pelotas foi praticado em diversas cidades brasileiras, não existe nenhum estudo específico sobre o esporte basco na historiografia brasileira. Em contrapartida, o Turfe foi explorado com ênfase por diversos autores como Lucena (2001), Melo (2001), Capraro (2004), Rodrigues (2006) e Pereira *et. al.* (2010).

apostas poderiam ser realizadas, sem o receio de ser considerado bárbaro e incivilizado⁷.

A Pelota Basca, em Curitiba, foi praticada em um espaço denominado “Frontão Curitybano”, a mesma era uma empresa privada, localizado na Rua Aquidaban, região privilegiada do centro da capital paranaense. Constituiu-se, portanto, num importante local de sociabilidade de Curitiba, ajudando, embora em escala menor que o “Prado do Guabirotuba”, a emergir uma mentalidade esportiva na cidade. Apesar da menor importância, também era exaltado pela imprensa curitibana como uma prática civilizada e moderna.

Diferentemente do “Frontão Curitybano”, iniciativa empresarial de imigrantes de origem espanhola, o “*Jockey Club*” foi criado sob a proteção dos governantes, contando com o incentivo e apoio das elites locais. A associação, segundo aponta Lopes (2002), primeiramente denominada “*Club Paranaense de Corridas*” foi fundada em 02 de dezembro de 1873, por Luiz Jacome de Abreu, um oficial da cavalaria imperial que atendeu à determinação de Dom Pedro II, permanecendo na província do Paraná por 73 dias, com o objetivo de organizar e oficializar a fundação da associação e a construção do primeiro hipódromo do Paraná: “O Prado Jacome”. A sua localização inicial foi onde atualmente encontra-se o Asilo Nossa Senhora da Luz, na Rua Marechal Floriano, próximo da Avenida Kennedy. O primeiro Prado foi oficialmente inaugurado em janeiro de 1874, conforme noticiado pela imprensa:

PRADO JÁCOME - quinta-feira - às 3 horas da tarde, perante numerosa concorrência, inaugurou-se o Prado Jácome [...] Sua extensão é de mil e setecentos metros, que corresponde a uma milha inglesa, ou doze e meia quadras. O Professor Jácome, o protagonista desta festa de progresso, montando em seu sábio Sanhassu, sempre

⁷ Melo (2001, p. 122) comenta que o escritor Machado de Assis denominava o hábito de frequentar as “condenáveis” brigas de galo, como o “*Jockey Club* dos pobres”. O comentário do literato brasileiro mostra a semelhança diferenciadora, existente entre o que era aceito ou não pela sociedade brasileira do final do século XIX e início do XX.

amável e cavalheiro como todos conhecem, era incansável, dispensando conhecimento e dirigindo os amadores e espectadores em ordem a evitar todo e qualquer perigo. Dividiu-se, multiplicou-se, foi em fim a alma do turfe. Foram juizes - da partida o sr. José Moreira de Freitas; da chegada o sr. Mota Junior e da raia os srs. Alferes Bonoso, Assis Teixeira, Bento Osório e Candido Lopes. Três pares de quatro cavallos cada um tiveram logar. Foi vencedor do primeiro o Graça, do sr. Tenente Coronel José Bittencourt, do segundo Boro, do sr. Gaspar e do terceiro o Rivadavia, do sr. Nestor Borba. O ultimo porem, excitou o entusiasmo pela novidade. O sr. Arthur Browne, conhecedor do estylo inglez de corridas, colheu todas as palmas, resumiu todas as glórias do dia. Montando no Rivadavia, o mais bello typo do nosso cavallo, fez prodígio de adresse, mostrou a maneira porque um bom jockey governa, excita e ajuda o cavallo de corrida. Surpreendeu o povo que não conhecia senão as carreiras do paiz no cavallo em pello com o cavaleiro quasi nu. O Club de Corridas Paranaense assentou neste dia a pedra fundamental de um grande edificio, instituindo o tribunal de julgamento seguro dos melhores ganhões e egoas. O nosso compatriota o illustro hypólogo Jácome, depois de uma demora de setenta e três dias na Província, tendo visitado alguns pontos do interior, onde deixou sessenta discipulos adestrados em sua difficil arte, fundando o Club de Corridas e inaugurando ante hontem o Prado, retirou-se hoje para Antonina com destino à Província de São Paulo, onde pretende continuar a sua propaganda, colhendo os louros que lá o esperam. Prósperos ventos os acompanhem. (DEZENOVE DE DEZEMBRO, 31/01/1874, p.1).

A notícia acima reproduzida mostra que a instituição nascerá sob a proteção de figuras importantes da sociedade curitibana do período. Além disso, a nota jornalística marca que um dos principais objetivos era estabelecer toda uma organização racional dentro deste novo espaço social. O intento com essa institucionalização era a eliminação das corridas populares, que ocorriam em toda a cidade. Marcassa (1989) salienta que estes páreos, denominados Cancha Reta, aconteciam com frequência na Curitiba da virada do século XIX para o XX. O construtor de origem alemã, Gustav Strobel, comenta, em seu livro de memórias, a presença de uma raia de cavalos numa praça central da cidade: “Não havia, a boa distância em seu redor, uma única casa. Apenas ao fundo havia uma raia de corridas de cavalos [...]”. (STROBEL, 1987, p.124). Nestas corridas populares, segundo apontam Marcassa (1989) e Pereira *et. al.* (2010), em virtude de um grande volume de apostas a dinheiro, acontecia uma série de

comportamentos considerados incivilizados, como brigas e confusões. Estas corridas “imorais”, mesmo com a construção do Prado, continuaram a se fazer presentes nos arrabaldes de Curitiba:

Uma menor ferida
CORRIDA DE CAVALLO

Hontem, em umas corridas de cavallo no Bacachery, Guilherme Cazins, inteiramenmte embriagado, cavalgou o seu animal por meio do povo, indo pizar uma pobre menina. A menor ficou bastante contundida, e hoje foi examinada pelo medico legista, dr. Loyola. (DIÁRIO DA TARDE, 1º./04/1901, p.2).

Eram costumes semelhantes ao relatado que necessitavam ser eliminados das ruas da capital paranaense; e a construção de espaços físicos delimitados, como o hipódromo, poderia ajudar a educar os indivíduos, dentro dos princípios de uma cidade civilizada. Esse novo espaço institucionalizado visava deixar as corridas populares no esquecimento:

O Jockey-Club realiza amanha importantíssima corrida no seu prado [...]. A animação deve ser grande de tal a importancia dos animaes que figuraram nos pareos. É preciso que o publico anime o movimento dos poules, desprezando o velho habito de apostas particulares que faz muito lembrar as antigas corridas de raias em que viam-se os entusiastas deste ou d’aquelle animal sacudindo uma pelega e desafiando adversarios em altos brados. O beneficio das poules é que da vida ao prado e ao magnifico passatempo publico. (DIÁRIO DA TARDE, 17/03/1900, p.1).

Além de eliminar comportamentos considerados inapropriados, o Turfe seria um importante meio de distinção e *status* das elites curitibanas, um local para os frequentadores verem e serem vistos. Apesar de não ter o mesmo *glamour* dos hipódromos, o “Frontão Curitybano” visava também representar um espaço de produção deste novo indivíduo. Era para ser, assim como o Prado, um local de grandes possibilidades de negócios – diretamente, pelo dinheiro obtido nas apostas e prêmios; e,

indiretamente, funcionando como locais privilegiados de contatos. Em ambos os casos, seja através das *quiniellas* (nome dado às partidas de Pelota Basca) ou nas corridas de cavalo, existia uma grande quantidade de apostas (*poules*). Assim, membros da sociedade curitibana iam para assistir, torcer e apostar em seus cavalos e pelotários favoritos.

Gradativamente, tais práticas começam a cair no gosto da população curitibana e, com isso, espaços de sociabilidades típicas do mundo urbano passaram a se mostrar insuficientes, para uma cidade como Curitiba. Obras, ampliações, melhoramentos e novos projetos começaram a ser realizados nos locais onde aconteciam estas jornadas esportivas. Em 1897, inicia-se a construção de um novo hipódromo, o denominado “Prado do Guabirota”. Tal empreendimento foi inaugurado em 25 de junho de 1899, conforme noticiado com entusiasmo pela imprensa curitibana:

Magnífica esteve a festa inaugural do Jockey Club Paranaense. Recentemente acabado é incomparavelmente superior ao que tínhamos até então, pois além de ter posição mais bella e cômoda, dispondo de confortável archibancada, com pavilhão ao centro para autoridades, ampla e bem nivellada raia, offerece um conjunto elengatissimo. (A REPUBLICA, 27/06/1899, p.1).

O novo hipódromo seria ideal para a construção do sentimento de civilidade em Curitiba, um lugar de sociabilidade que visava criar todo um sentido de distinção, muito caro às elites curitibanas do período. Afinal, era preciso copiar os principais centros urbanos do país e do mundo:

À digna directoria do Jockey-Club, e ao seu distincto presidente, dr. Benjamin Pessôa, nossos sinceros parabens pelo muito que têm feito para reerguer entre nós esse genero de divertimentos, consagrado em todos as grandes capitaes dos países cultos. (DIÁRIO DA TARDE, 09/05/1900, p.2).

O “Frontão Curitybano” também buscou se modernizar e melhorar suas instalações, sempre reformando e oferecendo ao seu público entretenimentos que iam para além da oferta de um jogo de Pelota Basca: “Vamos ter brevemente uma bonita novidade no Frontão: na segunda feira inaugura-se alli o bilhar grego divertimento muito attractivo. E empresa fará então na parede fronteira do Frontão os concertos necessários”. (DIÁRIO DA TARDE, 22/09/1899, p.2). Na ocasião da inauguração de suas novidades, era comum um acontecimento desse porte ser acompanhado de diversas festividades: “(...) Na 2ª. feira, às 7 horas da noite, terá logar alli a inauguração do bilhar grego havendo iluminação, musica, foquetes, etc”. (DIÁRIO DA TARDE, 23/09/1899, p.2). O objetivo era o de celebrar importantes aspectos da modernidade, como a iluminação artificial.

Inaugurou-se hontem, á noite, no Frontão o <<bilhar grego>>. Houve bastante concurrencia e foram feitas muitas apostas, havendo poules de grande quantia. O salão está arranjado com muito gosto e é iluminado a gazacetylose. Durante as apostas tocou uma banda de musica. Hoje haverá funcção na mesma hora. (DIÁRIO DA TARDE, 26/09/1899, p.2).

Como indica a nota, o “Frontão” desejava se consolidar como um importante símbolo da modernidade; um local onde se encontravam reunidos importantes elementos, valorizados pela ambiência urbana do período; um marco da engenharia, da arquitetura; um lugar, em pleno centro da cidade, para os indivíduos verem, serem vistos e acompanharem um dos mais novos fenômenos da urbanidade europeia: as práticas esportivas.

Bonitas festas prepara e empreza do Frontão Curitybano para o próximo domingo. Nesse dia inauguar-se-á a parede nova que se acha optimamente construida com grossa argamassa de cimento sobre 47.000 tijolos que nella foram gastos. Há dois mezes que no frontão trabalham diversos operarios noite e dia, sem cessar, e se hoje o

frontão esta prompto para o jogo de pelota é isso devido ao esforço incessante dos trabalhadores que em tão pouco tempo, reformaram aquelle estabelecimento. Esses trabalhos foram feitos sob a habil direcção dos artistas Mauricio Thá e Lorenço Paroli. A cancha foi reformada e os camarotes estão resguardados por uma rêde de arames. O frontão mede 66 metros de comprimento ficando assim o maior frontão da America do Sul, segundo opinião dos entendidos. (DIÁRIO DA TARDE, 29/12/1899, p.1).

Embora o “Frontão Curitybano” tenha desempenhado um importante papel na difusão de inúmeros signos da modernidade, foi o “*Jockey Club* do Paraná” que contribuiu na extrapolação destes elementos para além do seu espaço físico, visto que, devido ao “Prado do Guabiro tuba”, novos elementos foram criados dentro da malha urbana, como por exemplo, a criação de linhas específicas de bonde:

No domingo próximo, será publicada inscripção para as grandes corridas do dia 18 deste, no *Jockey Club*. Nesse dia inaugurar-se à linha de bonds para o Prado. Sabemos que a directoria esforça-se por apresentar uma festa digna a que compareceram autoridades militares e Estadoaes e representantes da imprensa. (DIÁRIO DA TARDE, 09/06/1899, p.2).

O hipódromo era frequentado por autoridades políticas, militares, jornalistas, bem como importantes membros das elites locais, modelo copiado dos prados do Rio de Janeiro. O Turfe também era utilizado como palco para solenidades importantes, mostrando a sua força na sociedade curitibana do período:

Muito animadas estiveram hontem as corridas no Prado do *Jockey Club*. As archibancadas estavam cheias de famílias da nossa maior sociedade, notando-se em todas as physionomias regozijo communicativo. No pateo fronteiro, repleto de cavalleiros, tocava a banda de musica do 14 regimento de cavallaria. O exmo. sr. dr. governador do estado, juntamente com seus secretários, assistiu também a corrida. (...) Grande foi o movimento de bonds da cidade para o prado, correndo os carros com regularidade de dez em dez minutos. (DIÁRIO DA TARDE, 04/09/1899, p.2).

Apesar de a Pelota Basca não ter tido a mesma importância do Turfe, o jogo de

origem basca também reproduzia o sentimento de distinção social. Era comum encontrar notícias nos jornais curitibanos, realçando os comportamentos civilizados dos indivíduos que frequentavam o “Frontão Curitybano”. Entretanto, se no Turfe a preocupação em relação aos comportamentos se centrava somente na figura dos espectadores, a Pelota Basca começou a extrapolar essa condição para além dos assistentes das partidas. Inicia-se, então, em Curitiba, a noção de como um esportista deveria se comportar durante a participação de um jogo.

Produzindo Imagens Idealizadas: Do Espectador ao Esportista

Se no “*Jockey Club*” a produção da figura do esportista seguiu o modelo do Rio de Janeiro, o mesmo não se pode dizer do “Frontão Curitybano”. Para entender a diferença entre os espaços, é preciso primeiramente compreender como era a imagem dos donos dos espetáculos. Segundo apontam Lucena (2001) e Melo (2001), as grandes estrelas turfísticas não eram os que conduziam os cavalos, e sim os donos dos animais. Ser proprietário de um animal campeão e/ou de destaque era um importante símbolo de distinção social. Simbologias como esta também estiveram presentes no “Prado do Guabirota”, afinal, os proprietários paranaenses de cavalos buscavam melhorar a qualidade do espetáculo apresentado, investindo no aumento do quilate dos animais a participarem das provas.

Effectuaram-se hontem as inscrições para as grandes corridas annunciadas para o dia 23 do corrente. Ficaram organizadas 5 pareos de 4 animaes cada um com animaes especiais. A incansável directoria do Jockey Club emprega todos os esforços no sentido de ter verdadeiro brilhantismo essa festa, para a qual também correm os inscriptores com animaes de 1º. Ordem. (DIÁRIO DA TARDE, 17/06/1899, p.2).

O desejo em ver desfilarem no Prado animais mais preparados, fortes, especiais e, sobretudo, campeões, era uma aspiração dos frequentadores do *Jockey*. Estes cavalos, além de proporcionarem um espetáculo mais belo e competitivo, trariam mais público ao hipódromo – fato que incrementaria as apostas, aumentando consideravelmente os lucros com os *poules*. Contudo, o principal ponto é que estes animais poderiam trazer mais respeito e reconhecimento social aos seus proprietários, levando-os a alcançarem um maior destaque e distinção na sociedade curitibana do período. Assim, sempre que havia a presença de novos cavalos, tal ocorrência era divulgada com entusiasmo nos jornais curitibanos: “Sabemos que ha grande animação para essas corridas, nas quaes também tomaram parte pela primeira vez animaes novos, não conhecidos em nosso prado.” (DIÁRIO DA TARDE, 17/08/1899, p.1).

As idas e vindas de cavalos, entre os principais prados da América do Sul, era uma característica marcante na busca da melhora do espetáculo oferecido. Tratava-se de um fator que, além de deixar mais competitivo os páreos, aumentava consideravelmente o público e, com isso, o volume de dinheiro nas apostas realizadas. Outro ponto central era o *status* social dado aos donos destes animais por serem eles os responsáveis por trazer cavalos mais preparados para serem vistos em ação.

No “Frontão”, de forma semelhante, ocorria também uma busca pela melhora do espetáculo. Se no *Jockey* vinham cavalos de praças mais desenvolvidas, no Frontão era comum a vinda de pelotários de centros maiores: “Sabemos que a Empreza do Frontão contractou no Rio de Janeiro mais um pelotário de 1^a. ordem que chegará brevemente a esta capital.” (DIÁRIO DA TARDE, 21/06/1899, p.1). Assim como no exemplo dos animais, toda vez que novos pelotários chegavam para demonstrar suas habilidades, tais aspectos eram celebrados pela imprensa curitibana:

Frontão Curitybano

A bordo do vapor <<Itapacy>> chegaram os pelotários Ascani e Antonio, contractados pela Empresa do Frontão Curitybano para trabalharem na cancha da rua Aquidaban. Estreiarão no primeiro dia de bom tempo com annuncio prévio. (DIÁRIO DA TARDE, 1º /05/1900, p.1).

Os jornais ajudaram a consolidar o esporte em Curitiba, em virtude principalmente do destaque que davam a uma maior especialização esportiva. A imprensa começa, inclusive, a exaltar a competição, passando, como no caso do Turfe na imprensa carioca (MELO, 2001), a emitir seus palpites para os páreos que seriam realizados:

Em consequencia do tempo que ameaçava chuva, chegando mesmo a cair ligeiro aguaceiro, as corridas de hontem não tiveram a concurrencia das anteriores. Ainda assim nas archibancadas viam-se numerosas famílias e nas outras dependências do prado era regular a concurrencia de amadores. Os jogos foram animados, havendo mesmo grande interesse em certos pareos. As corridas foram bem e lealmente disputadas, exceção do 3º. pareo em que houve tribofe, occasionando, a vista de protestos gerraes, novas corridas dos animaes Camelia e Danubio. [...] Do nosso palpite sahiram vencedores Coquete, Danubio e Saguy. (DIÁRIO DA TARDE, 06/02/1905, p.1).

Os elementos mostrados na matéria indicam que o Turfe precisava, além da especialização, se institucionalizar ainda mais, para se consolidar como um importante espaço social. Para evitar confusões e contestações era necessário criar um regramento mais rígido. Essa ação pretendia eliminar, de uma vez por todas, os comportamentos considerados incivilizados nas dependências do prado. O início do regramento se deve, em muito, a um sentimento caro às elites: a distinção social. Era necessário criar um *habitus* de classe nesse espaço, para que, desse modo, o Turfe se tornasse realmente um símbolo de distinção.

Belíssima foi a festa sportiva de hontem, proporcionada pelo Jockey Club Paranaense. O dia esteve magnífico: céu azul e frescas aragens convidavam o povo para passar o domingo em festas nos campos. D'ahi a concorrência nas corridas do Jockey Club. Nas archibancadas estavam repletas de damas e cavalheiros, ostentando aquellas toilets claras proprias a estação e ao genero sport. Notava-se grande entusiasmo e animação. O jogo de poules correu bastante movimentado, e as apostas por fora não estiveram menos [...] (DIÁRIO DA TARDE, 11/03/1901, p.1).

Como mostrado no extrato do jornal a figura central nesse cenário não eram os animais nem os condutores, mas sim os espectadores, sobre quem as interdições e prescrições discursivas incidiam. O autocontrole e a disciplina corporal eram exigidos por parte de quem assistia ao espetáculo. O mesmo acontecia no “Frontão Curitybano”. Tanto o Turfe como a Pelota Basca combinavam com o momento do Brasil, pois não representavam uma ruptura completa com a repulsa que havia pela sociedade brasileira aos esforços físicos. A grande atração eram os espectadores, pois tanto o Prado como o Frontão se tratavam de locais onde os indivíduos podiam exercitar o sentimento de distinção social, através das belas e elegantes vestimentas, bem como de seus comportamentos controlados e uniformes no decorrer das competições.

Capraro (2004) corrobora com tais questões, indicando que o “*Jockey Club* do Paraná” organizava seus páreos, oferecendo toda a estrutura necessária às exigências da “fina” sociedade curitibana. O autor lembra que era comum até a participação de conjuntos de outras praças, inclusive estrangeiros que, em sua maioria, eram originários da Argentina e do Uruguai. Assim, todo o *glamour* das elites podia ser observado nas festividades realizadas no hipódromo. Moletta Júnior (2009) lembra que um dia concorrido levava quase 3.000 espectadores às dependências do “Prado do Guabirota”. Tratava-se de um número significativo, visto que a população da cidade, no início do século XX, girava em torno de 60.000 habitantes. Por estes motivos, era

sempre sobre os assistentes das corridas que os olhares incidiam, principalmente quando estes tinham comportamentos considerados inapropriados. As confusões geradas eram geralmente em virtude dos resultados da corrida. Estas eram denominadas de “tribofes”. Melo (2001, p. 114) explica, com detalhes, esse tipo de comportamento que necessitava ser eliminado, com urgência, dos hipódromos brasileiros:

Vale a pena falar um pouco sobre os “tribofes”, tão comuns e fartamente divulgados pelos jornais. As confusões eram das mais diferentes ordens: suborno de jôqueis que ocasionalmente se equivocavam com os resultados (já que na época não havia muitos recursos eletrônicos); árbitros subornados que “fabricavam resultados”; e até episódios descaradamente desonestos. Muitas vezes essas confusões eram seguidas de violência, depredação dos hipódromos, surra nos jôqueis e proprietários dos animais. [...] Encaro esses “tribofes” como uma forma de participação ativa do público. Excluído da possibilidade de influenciar na direção do espetáculo, relegado ao pior lugar dos hipódromos, considerado mero coadjuvante, o público reagia da forma que era possível. Ao se sentir burlado, encerrava qualquer pretensão de “civilidade” e utilizava os recursos que dispunha: destruía, simbólica e literalmente, a farsa montada.

O comentário do autor, embora se refira ao contexto da cidade do Rio de Janeiro, poderia ser aplicado à capital paranaense. Os jornais curitibanos sempre condenavam as confusões e consideravam estes comportamentos inaceitáveis, algo indigno que não poderia estar presente numa jornada esportiva. A condenação a estas atitudes tratava-se de uma importante ferramenta pedagógica, visto que visava conformar os frequentadores, principalmente os das classes populares, a todo um dispositivo institucional; ou seja, aqueles que não possuíam um autocontrole corporal necessitavam ser educados para que pudessem fazer parte do espetáculo como espectadores⁸.

⁸ Uma análise mais detalhada da relação entre as classes populares e os esportes foge ao escopo do presente artigo. O objetivo é o de mostrar os diversos discursos que pretendiam consolidar determinados tipos de comportamento durante as jornadas esportivas em Curitiba. Contudo, a relação entre as apostas e essa parcela da população menos abastada era um fato irrefutável, inclusive era um fator central e necessário, para que tanto o Turfe como a Pelota serem considerados um empreendimento financeiro, mostrando que as apostas, conforme aponta Jones (1992) foram essenciais para difusão dos esportes no seio da sociedade ocidental.

Contudo, esse mecanismo tinha uma condição paradoxal, pois, ao mesmo tempo em que pretendia normalizar os comportamentos, produzia uma individualização, já que ressaltava as características sociais consideradas distintas e dignas de *status*, condenando, com veemência, os atos e ações que quebravam a “harmonia” dos espaços esportivos. Sendo assim, tal mecanismo, que visava uniformizar as ações, acabavam por realizar também a produção de uma diferenciação social.

Sevcenko (1998), ao tratar da figura do espectador, levanta alguns elementos interessantes. O autor remonta a origem da palavra *torcedor*, que se refere a um indivíduo que “se torce”, “se contorce”, “se remói” ou “se contrai”, ou seja, não possui uma função passiva, pois participa ativamente do espetáculo. Entretanto, para exercer esse papel social, os indivíduos deveriam ter incorporado em seus corpos certos modelos de educação. Quando extrapolavam os limites impostos pelo discurso civilizatório, uma imensa máquina pedagógica era acionada para regular tais ações. A fonte citada por Melo (2001), mostra com riqueza de detalhes a participação daqueles que assistiam as jornadas esportivas cariocas:

Os espectadores, logo que percebem as irregularidades do jogo, rebentam em improperios contra os jogadores. Da cancha, por sua vez, respondem os pelotários violentamente, revidando com acrimônia, os insultos que lhe são atirados. A barulheira cresce. Referve. É o calão. É a descompostura da sargeta. É a obscenidade. Depois vem o murro, o pontapé, a bengalada, por vêzes o tiro de revólver; e a depredação da casa da poule. (EDMUNDO *apud* MELO, 2001, p.146).

Para alcançar a distinção e evitar que os espectadores cometessem os atos acima relatados, era preciso regradar tais práticas. O estabelecimento de regulamentos universais seria uma marca que tanto o Turfe como a Pelota deveriam colocar em suas jornadas, pois era através deles que as práticas esportivas continuariam a ser algo digno de *status*:

Decididamente o Frontão Curitybano vai em mar de prosperidade sob a habil gerencia do sr. Gadotti. As quiniellas são alli disputadas com muita pericia, os juízes de partida são rectos, de modo que todos confiam cegamente nos seus palpites, certos de que só não ganharão quando a sorte lhe estiver adversa. É por isso que alli ha sempre concurrencia. Hontem, por exemplo, o Frontão apresentava um bonito aspecto, de tal modo estava repleto de espectadores. Foram disputadas 26 quiniellas e essas, sem incidente algum, deram o bonito resultado. (DIÁRIO DA TARDE, 23/10/1899, p.1).

As regras, uma característica básica dos esportes, eram eixos centrais para que as práticas esportivas fossem verdadeiras marcas de distinção. Regras bem determinadas, pessoal especializado, e juízes preparados para desenvolver as jornadas esportivas eram essenciais para o bom andamento de práticas que pretendiam ser civilizadas. Elias; Dunning (1995) indicam que um quadro de regras sempre é orientado por uma suposta noção de igualdade de oportunidade e justiça, associada a uma constante vigilância aos códigos de conduta, fatores que exigem dos indivíduos todo um autocontrole para fazer das jornadas esportivas um importante elemento do processo civilizador⁹. Ainda mais que, tanto no Prado como no Frontão, acontecia um grande volume de apostas e, para não ocorrer distúrbios e confusões, regras bem estabelecidas e árbitros bem preparados eram condições primordiais para o bom andamento das jornadas esportivas. Para atingir tais fins, o “*Jockey Club* do Rio de Janeiro” criou um regulamento, um código para as corridas, que inclusive posteriormente serve de modelo para o hipódromo curitibano:

[...] com tantas variáveis que colocavam em risco seu projeto inicial (apostas descontroladas, surgimento de clubes populares e crescimentos dos “tribofes”) os clubes mais “nobres” passaram a entabular mais estratégias para a prática do turfe. Era fundamental a manutenção de uma determinada representação, ligada aos seus interesses. Não por acaso os “bons e respeitáveis clubes” começaram a se preocupar em desenvolver rigorosos códigos de corrida, em que

⁹ Elias; Dunning (1995) lembram que uma das principais características do esporte é proporcionar uma suposta igualdade à prática esportiva. Segundo os autores, elas foram por muito tempo uma espécie de aparato legal do amadorismo, que exigia toda uma ética, que possibilitava a manutenção do privilégio da prática esportiva somente por aqueles que soubessem se comportar com autocontrole e distinção.

eram abordados os mais diversos aspectos: desde o corpo de árbitros, passando pelas formas de competição, até a vestimenta obrigatória para os jóqueis. Mais ainda passaram a criar livros de classificação e catalogação dos cavalos (*study-book*). (MELO, 2001, p.116).

Se as apostas foram fundamentais para ajudar o processo de esportivização, elas acabaram se tornando, conforme aponta Melo (2001, p.169), “o calcanhar de aquiles do esporte”. O hábito de jogar a dinheiro, muito comum nas corridas de cavalo e nas *quiniellas*, marcou negativamente a imagem destes esportes no Brasil. O Turfe “até hoje é considerado mais como um jogo do que um esporte propriamente dito” (MELO, 2001, p.169) e a Pelota Basca, conforme já salientado, foi proibida por lei em 1941, exatamente por ser considerado um jogo e não uma prática esportiva¹⁰. Essa imagem negativa também foi construída em Curitiba: “Apezar da proibição da polícia, o Frontão tem estado de repleto de creanças que não só observam o jogo, como também tomam parte na compra dos poules”. (DIÁRIO DA TARDE, 16/08/1899, p.2). Melo (2001) lembra que, para tentar sanar essa contradição, as agremiações esportivas cariocas que se utilizavam das apostas tentaram relacionar suas atividades a causas nobres. A utilização destes argumentos, enfatizando uma nobreza digna de distinção social, também foi encontrada nas páginas dos jornais de Curitiba:

Devido ao abatimento que faz a camara no imposto do Frontão, resolveram os pelotaris juntamente com o gerente fazer uma subscrição a favor do Asylo de Orphãos. Já hontem foi entregue a camara a quantia de cem mil reis, o que será feito todos os mezes. (DIÁRIO DA TARDE, 21/06/1899, p.2).

As ações pedagógicas não se restringiam somente ao espaço onde ocorriam as jornadas esportivas, buscavam entrar em todas as esferas da vida, tanto que, sempre que

¹⁰ Com a emergência de uma cultura física, os esportes no Brasil passaram a adotar novos modelos de comportamento. Por isso, conforme aponta Moraes e Silva (2011), tinha que extirpar do seio do dispositivo esportivo o hábito de apostar. O Remo, segundo aponta Melo (2001), seria a prática corporal que realizaria a empreitada de caçada a esse vírus que muito incomodava a sociedade.

atos considerados inapropriados ocorriam, os jornais curitibanos faziam críticas contundentes, como por exemplo, no caso de um cocheiro que dirigia a linha dos bondes que atendia o “Prado do Guabirotuba” nos dias das corridas:

Cocheiro implicante

Hontem apóz as corridas no Prado, na occasião em que voltavam os últimos bonds, vinha um carro conduzido por um cidadão que altercava constante-mente com os passageiros. A uma das muitas advertencias que lhe foram feitas respondeu o cocheiro que não sabia tratar doutro modo pois, como feitor de armazens, nunca esteve no serviço de condução dos passageiros. [...] Na rua Mato-Grosso, apesar de haver senhoras no carro o cocheiro não moderou o seu enthussiasmo, declarando sempre que nada receiava, nem mesmo à ameaça de ser levado o facto ao conhecimento da Empreza F. Carril. Causou mesmo extranheza não ter o fiscal da linha força moral para advertil-o, A Empreza fará favor ao publico não collocando, noutra occasião, na condução de bonds de passageiros, conductores como esse, cujo procedimento, nestas linhas, levamos à seu conhecimento. (DIÁRIO DA TARDE, 24/07/1899, p.2).

Os hábitos e atitudes inadequados eram sempre condenados pela imprensa. Por diversas vezes, o “Diário da Tarde” atacou com grande contundência atitudes violentas praticadas por policiais, nas imediações do “*Jockey Club*”:

Covardia

Hontem, no portão do Prado de Corridas, foi preso um moço embriagado. Apenas os policiaes incumbidos de effectuar essa prisão se viram fora das vistas do commisario sr. João Luiz, começaram a maltratar brutalmente o pobre moço inerme e, até ao chegarem ao quartel da policia, não descançaram rifles e espadas na tarefa estúpida e covarde do espacamento o mais cínico e miseravel. Oito policiaes, sendo dous a cavallo, espaldeiraram com uma brutalidade sem nome o infeliz moço, que cahia de quando em vez externado pela brutalidade. Chamamos para o facto repellente e absurdo a atenção das autoridades policiaes, a quem incumbe a nossa garantia e o zelo pela ordem e moralidade publica. (DIÁRIO DA TARDE, 11/03/1901, p.2).

O relato publicado no jornal procurou enfatizar que, numa sociedade que pretendia se consolidar como civilizada, comportamentos violentos não poderiam ser tolerados, ainda mais nas proximidades de um espaço que deveria ser o local de

distinção social.

Contudo, se o Turfe cria uma imagem idealizada de espectador (sobretudo aquele que apostava), a Pelota Basca começa a expandir essa questão para a figura do praticante. Esta movimentação, segundo aponta Melo (2001), era uma forma de o esporte de origem basca se afastar do universo da jogatina e se aproximar de um discurso tangente à cultura atlética:

Os jogos de frontões participam da natureza dos jogos athleticos tais como a pelota; esses jogos tendem a desenvolver as forças corporeas, a dar maior vigor à musculatura, como meios da educação physica, não pode ser considerado de azar porque a lei (art. 370 do Código Penal) só considera taes aquelles em que o ganho e a perda dependem exclusivamente da sorte, e nestes o êxito depende da destreza e robustez dos jogadores [...] (PEREIRA *apud* MELO, 2001, p. 178-179).

Se no Turfe a figura central era o proprietário dos cavalos, na Pelota Basca era o pelotário. Devido a esta questão, um cuidado sobre o comportamento do praticante começava a ser estabelecido. Passaram a ser exigidos autocontrole e disciplina dos pelotários; ou seja, a distinção social não se restringia mais somente ao público, agora a figura do esportista, com seu vigor, destreza, robustez e, sobretudo, galhardia começa a ganhar mais visibilidade em Curitiba. Tanto que foi possível encontrar notícias condenando a imperícia de alguns dos participantes das *quiniellas*:

Hontem no Frontão, na ocasião em que o pelotario Agote jogava a pelota esta foi bater à cabeça de um espectador que cahiu sem sentidos, voltando à si dahi a alguns minutos. Ficou bastante ferido. Esse pelotario jogou a pelota com muita precipitação e raiva por estar atrasado em alguns pontos na partida em que jogava. (DIÁRIO DA TARDE, 15/05/1899, p.1).

Era exigido, por parte dos participantes, seguir um código muito rígido de comportamento. O esportista não poderia se precipitar e tinha que desenvolver,

conforme apontam Elias; Dunning (1995), todo um aparato de autocontrole, pois, caso não seguisse esse modelo de educação, não seria digno de participar das jornadas esportivas. Porém, a continuação do fato, publicada alguns dias depois, acaba por relacionar o comportamento do esportista com o do espectador.

Há dias noticiou o Diarrio da Tarde o facto de ter sido ferido no Frontão um espectador por uma pelota mal e precipitamente jogada. Essa pelota que fôra bater na cabeça do espectador, cujo nome é Francisco Matuscheski, derrubou-o sem sentidos. Pois esse homem que em má hora fôra ao Frontão divertir-se acha-se gritantemente enfermo devido ao choque recebido [...] Os espectadores [...] se devem acautelar durante o tempo de disputa das quiniellas, pois o exemplo que acaba de apparecer prova sobejamente que ha alli pelotários que não dispoem da necessaria perícia. O ferido foi hontem examinado pelo médico legista, por ter sido levado a conhecimento da polícia o grave estado de Matuscheski, que é um homem pobre e de nacionalidade polaca. (DIÁRIO DA TARDE, 19/05/1899, p.2).

A notícia mostra com detalhes quais eram os modelos de comportamento exigidos para os envolvidos num espetáculo esportivo (espectadores e esportistas) e indica, ainda, que, apesar da condenável imperícia do pelotário, o indivíduo que assistia também tinha que cumprir requisitos básicos para usufruir desse importante símbolo da urbanidade. Estas pedagogias aos poucos vão se consolidando em Curitiba, afinal, era preciso que os indivíduos envolvidos nas práticas esportivas, ou melhor, com toda a ambiência urbana, possuíssem um código de autocontrole. Assim, não bastava somente conhecer as regras e cumpri-las, era condição fundamental para um bom andamento das partidas que os esportistas tivessem um complexo esquema corporal, que só era adquirido por um refinado processo de educação:

FERIDO NO FRONTÃO

Hontem, no Frontão Curitybano, quando era disputada a 5ª. quiniella jogavam a pelota Larranaga e Guichou. Este último aparando a pelota jogou-a. Esta, porém, foi bater no rosto de Larramaga derrubando-o por terra em continente e de tal modo ferido foi dalli transportado em carro para a sua residência. É já a segunda vez que

isso sucede a Larranaga que aliáz é um dos bons pelotários do Frontão. (DIÁRIO DA TARDE, 20/07/1899, p.2).

A nota publicada no “Diário da Tarde” mostra muito bem os elementos levantados por Elias; Dunning (1995) em relação aos comportamentos. Os esportistas tinham que ter assimilado um rígido código educacional. Indivíduos sem educação corporal, sem autocontrole dos seus movimentos não poderiam participar desse novo espetáculo moderno chamado esporte. Em contrapartida, quando um atleta se destacava nas partidas, suas *performances* eram exaltadas e se tornavam imagens idealizadas, afinal, era um símbolo de autocontrole, um *habitus* que o esportista deveria ter assimilado ao seu corpo:

Hontem, no Frontão Curitybano, o pelotario Guichou ganhou as duas quiniellas de ponta a ponta; tirando o 1º. lugar na 3ª. Quiniella fez dois pontos seguidos, ate alcançando nesta o 2º. lugar e na quarta o 1º. Decididamente é um pelotario de 1ª. ordem. (DIÁRIO DA TARDE, 05/08/1899, p.2).

A *performance* guiada pelo domínio da técnica e do autocontrole corporal eram elementos muito valorizados, e seriam a base para que, posteriormente, a especialização se tornasse ainda maior nas práticas esportivas (VAZ, 1999). Seria na busca desta melhora de desempenho que o processo de treinamento passaria a ser um elemento valorizado pelo processo de esportivização. Porém, antes destas questões mais especializadas se tornarem centrais nas práticas esportivas, os elementos mais valorizados estavam relacionados, exclusivamente, ao autocontrole. Eram os signos que os indivíduos buscavam encontrar nestes novos espaços: “Hontem a concurrencia foi grande e as duplas foram disputadas com muita galhardia, havendo entusiasmo entre os espectadores”. (DIÁRIO DA TARDE, 19/09/1899, p.2).

Considerações Finais

As práticas esportivas de Curitiba, assim como o ocorrido em outras importantes cidades brasileiras, fizeram parte do processo de modernização e urbanização da capital paranaense, dentro dos parâmetros fornecidos pela nova ordem, que se instalava no país no final do século XIX e início do XX. Entre *bonds*, iluminação elétrica, telégrafos, telefones e todos os demais aprimoramentos urbanos que chegaram a Curitiba, ocorreram também o esboço de uma série de comportamentos considerados ideais. Esses acontecimentos, certamente, contribuíram para que a cidade consolidasse a formação de um espaço público, moderno e urbano. Neste processo de crescimento e incremento do espaço urbano, é bem expressiva a constatação de que os esportes através do Turfe e da Pelota Basca estavam ganhando maiores proporções em Curitiba.

Na capital dos paranaenses, em suas ruas, lojas, praças, parques e clubes sociais e esportivos, estabeleceu-se toda uma pedagogia corporal para a sua população. Ninguém escapava deste olhar esquadrinhador, fossem membros da elite, imigrantes pobres, ricos, ou qualquer outro ator social. Neste novo espaço chamado cidade, os corpos e suas gestualidades e comportamentos estavam sendo educados. Por estes motivos é que tais hábitos contribuíram significativamente para a esportivização do Turfe e da Pelota Basca, pois conforme pode ser visto no transcórre do artigo estas manifestações esportivas exigiam tanto dos espectadores quanto dos atletas um conjunto de hábitos marcados pelo autocontrole corporal.

A busca por este autocontrole tinha a clara intenção de produzir a noção de distinção social, visto que era também através das práticas esportivas que determinados segmentos sociais, principalmente os ligados as camadas mais abastadas da sociedade, poderiam se diferenciar dos demais. Nesse sentido, a criação de um regramento para o

Turfê e a Pelota Basca se torna um elemento importante para a consolidação destas manifestações na sociedade curitibana. Afinal, era através destes códigos de regras que hábitos considerados inapropriados, inclusive fomentadores de confusões, seriam extirpados do seio social.

Esta consolidação esportiva em torno do Turfê e da Pelota Basca ajudou a elaborar, também, todo um linguajar esportivo, o que contribui, mais tarde, para uma significativa especialização esportiva, bem como para o início da busca pela *performance*. A inserção dos indivíduos neste sistema pedagógico tinha a clara intenção de controlar o corpo nos seus mais íntimos detalhes. Esse sentimento se estabelece na ambiência esportiva de Curitiba, tanto que aos poucos os jornais começam a ganhar uma coluna específica, lentamente separando os esportes em espaços próprios. Havia uma coluna para o Turfê e outra para a Pelota Basca. A especialização das funções invade as páginas dos jornais, transformando o esporte de mero divertimento e passatempo a um fenômeno mais racionalizado e sistematizado.

REFERÊNCIAS

A República, 27 de junho de 1899, p.1.

BARBAT, Jean. **Histoire de la pelote basque à Royan**. Vaux-sur-Mer: Editions Bonneanse, 2006.

BORDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CAPRARO, André Mendes. **O football das elites – Uma Micro-História sobre a Gênese do Futebol Paranaense**. Curitiba, documento mimeografado, 2004.

Dezenove de Dezembro, 31 de janeiro de 1874. p.1

Diário da Tarde, 15 de maio de 1899. p.1.

Diário da Tarde, 19 de maio de 1899. p.2

- Diário da Tarde**, 09 de junho de 1899, p.2
- Diário da Tarde**, 17 de junho de 1899. p.2.
- Diário da Tarde**, 21 de junho de 1899. p.2.
- Diário da Tarde**, 20 de julho de 1899. p.2.
- Diário da Tarde**, 21 de julho de 1899. p.2.
- Diário da Tarde**, 24 de julho de 1899. p.1-2.
- Diário da Tarde**, 05 de agosto de 1899. p.2
- Diário da Tarde**, 16 de agosto de 1899, p.2.
- Diário da Tarde**, 17 de agosto de 1899, p.2.
- Diário da Tarde**, 04 de setembro de 1899. p.2.
- Diário da Tarde**, 19 de setembro de 1899. p.2.
- Diário da Tarde**, 22 de setembro de 1899. p.2.
- Diário da Tarde**, 23 de setembro de 1899. p.2.
- Diário da Tarde**, 26 de setembro de 1899. p.2.
- Diário da Tarde**, 23 de outubro de 1899. p.2.
- Diário da Tarde**, 29 de dezembro de 1899, p.1.
- Diário da Tarde**, 17 de março de 1900. p.1.
- Diário da Tarde**, 1º de maio de 1900. p.1.
- Diário da Tarde**, 09 de maio de 1900. p.2.
- Diário da Tarde**, 11 de março de 1901. p.1-2.
- Diário da Tarde**, 1º. de abril de 1901. p.1.
- Diário da Tarde**, 6 de fevereiro de 1905. p.1.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. **Os Alemães**: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

_____. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. V.1.

- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca pela excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
- _____. **Deporte y ocio em el processo de la civilización**. México: FCE, 1995.
- FREYRE, Gilberto. **Ordem e Progresso**. Rio de Janeiro: Jorge Olympio, 1974.
- GOLÇANVES JÚNIOR, Renê Duarte. **Friedenreich e a reinvenção de São Paulo: o futebol e a vitória na fundação da metrópole**. São Paulo, 2008. 145f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História, USP, 2008.
- GUTTMANN, Allen. **From ritual to Record: the nature of modern sports**. New York: Columbia University, 1978.
- JONES, Stephen G. **Sport, politics and working class**. Manchester: Manchester University Press, 1992.
- LOPES, Dirceu. Jockey em Festa. **Revista Placê Turfe**. v.3, n.3, dezembro/2002 .
- LUCENA, Ricardo. **Esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro**. Campinas: Autores Associados, 2001.
- MARCASSA, João. **Curitiba essa velha desconhecida**. Curitiba: Refipar, 1989.
- MELLO, Victor Andrade de. **Cidade “sportiva”**: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/Faperj, 2001.
- _____. Esporte e cinema: diálogos – as primeiras imagens brasileiras. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 2, p.21-37, 2005.
- MOLLETA JÚNIOR, Celso. **Futebol e formação do espaço público no contexto da fundação do Curitiba Football Club (1900-1915)**. Curitiba, 2009. 128f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, 2009.
- MORAES E SILVA, Marcelo. **Novos modos de olhar outras maneiras de se comportar: a emergência do dispositivo esportivo da cidade de Curitiba (1899-1918)**. 2011. 227f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UNICAMP, 2011.
- PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. **Semeando Iras Rumo ao Progresso**. Curitiba: Editora da UFPR, 1996.
- PEREIRA, Ester Liberato. *et. al.* Corridas de cavalo em cancha reta em Porto Alegre (1852/1877): uma prática cultural-esportiva sul-rio-grandense. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 21, n. 4, p. 655-666, 4. trim. 2010.
- RIBEIRO, Luiz Carlos. **Memória, trabalho e resistência em Curitiba (1890-1920)**. 1988. 264f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, USP, 1988.

RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. **Constituição e Enraizamento do Esporte na Cidade: Uma Prática Moderna de Lazer na Cultura Urbana de Belo Horizonte (1894-1920)**. Belo Horizonte, 2006. 338f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, UFMG, 2006.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, N. (Org.). **História da vida privada no Brasil-v.3**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.513-519.

STROBEL, Gustav. **Relatos de um pioneiro da imigração alemã**. Curitiba: IHGEP, 1987.

VAZ, Alexandre Fernandez. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 19, n. 48, p. 89-108, 1999.

Endereço do Autor:

Marcelo Moraes e Silva
Departamento de Educação Física
Setor de Ciências Biológicas
Universidade Federal do Paraná
R. Coração de Maria, 92
Curitiba – PR – 80215-370
Endereço Eletrônico: moraes_marc@yahoo.com.br